



*Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser*

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

[www.inhauser.com.br](http://www.inhauser.com.br) / [marcos@inhauser.com.br](mailto:marcos@inhauser.com.br)

[www.pastoralia.com.br](http://www.pastoralia.com.br)

## TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

### PAI NOSSO

**Marcos Roberto Inhauser**

Há uma regra não escrita, quase sempre obedecida, de que, em jornal, só se fala de alguma festividade antes ou no dia. Depois disto, é letra morta.

Segundo ela, o certo teria sido eu falar do dia dos pais na semana passada, que antecedeu a comemoração, como para fornecer reflexão para a celebração.

Vou furar a regra. Quero falar dos pais depois do dia comemorativo, em parte porque as reflexões que trago me vieram no dia da celebração e em parte porque acho que restringir as reflexões só ao dia é reduzir a importância.

Uma coisa que há tempos tenho pensado é no fato de Jesus ter introduzido a dimensão familiar na espiritualidade. O Deus que era o Altíssimo, o Deus dos Exércitos, passa a ser o Pai Nosso na oração por Ele ensinada. O Deus distante passa a ser o Pai constante. O Deus individual e/ou nacional passa a ser o Pai, não exclusivo, mas nosso, não ausente, mas nosso.

Não é o Meu Pai, mas o Pai compartilhado com outros irmãos e irmãs.

Na oração ensinada o pai também é apresentado como provedor (o pão nosso de cada dia nos dai hoje). Há uma cultura milenar de ver o homem, o pai, como o provedor. Em tempos de mudança de paradigmas, em que o modelo monoprovencionado passou a ser biprovisionado (a esposa também é provedora), há um esvaziamento do papel social do homem em relação ao que ele foi no passado. Neste modelo, o papel feminino que adicionou a provisão às muitas tarefas que a mulher exercia, trouxe uma sobrecarga pela jornada dupla, o que tem acarretado num exército de mulheres exaustas, cansadas, com síndrome do pânico ou depressivas. Por outro lado, é surpreendente o número de pais que tem se aventurado na cozinha, reduto clássico da mulher.

Diante disto, traz certa estranheza compreensível o fato de que, no dia dos pais, se deu quinze por cento a mais de utensílios domésticos aos pais que o que foi dado às mães.

Ela que historicamente tinha o papel de geradora da vida (gravidez) e manutenção da vida (controle da despensa e preparo da comida), entrou na arena masculina da provisão e este, em troca entrou na arena da manutenção da vida.

Se isto é positivo ou negativo, quais as consequências sociais e familiares desta mudança, só as reflexões apontarão e o tempo dirá. De minha parte, acho que há algo sério a ser considerado nesta inversão de papéis.